



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

A dinâmica entre arquivo e edição no «Arquivo LdoD»

Manuel Portela ; António Rito Silva

Para citar este documento / To cite this document:

Manuel Portela ; António Rito Silva, "A dinâmica entre arquivo e edição no «Arquivo LdoD»", *Colóquio/Letras*, n.º 188, Jan. 2015, p. 33-47.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

A dinâmica entre arquivo e edição no «Arquivo LdoD»

MANUEL PORTELA E ANTÓNIO RITO SILVA

I. UM ARQUIVO ABERTO

DESDE MEADOS DOS ANOS 90 que a teoria da edição digital tenta estabelecer uma racionalidade para a representação textual a partir da especificidade da representação e do processamento digitais (McGann, 1996; Shillingsburg, 2006 e 2009; Burnard *et al.*, 2007; Gabler, 2010; Pierazzo, 2011; Robinson, 2013). Esta racionalidade foi experimentalmente testada num conjunto significativo de projetos que redefiniram os modelos e objetivos das edições críticas e genéticas tendo em conta o novo espaço de escrita, leitura e edição — de que são exemplo *Rossetti Archive*, *The William Blake Archive*, *The Walt Whitman Archive*, *Samuel Beckett Digital Manuscript Project* e *Woolf Online*, entre muitos outros (McGann; Eaves *et al.*; Folsom e Price; Van Hulle e Nixon; Briggs e Shillingsburg). A grande capacidade de armazenamento de dados permitiu a combinação num mesmo espaço da edição documental fac-similada — codificada sob a forma de ficheiros de imagem jpg e tif — com a edição crítica extensamente anotada sob a forma de ficheiros de texto codificados em XML. Permitiu também a integração dos testemunhos autorais de uma obra e as suas diferentes versões editoriais numa rede hipertextual de documentos, aos quais se adicionam por vezes documentos relativos à receção da obra ao longo de um determinado período, assim como artigos de investigação produzidos pelos próprios editores eletrónicos e outros investigadores. A obra surge deste modo ressituada no arquivo material e social das suas diversas configurações históricas, e integrada na rede discursiva que a produziu e continua a produzir enquanto obra literária. Mais recentemente, o próprio dinamismo colaborativo da Web 2.0 — enquanto característica fundamental das atuais plataformas — passou a ser concetualizado como uma funcionalidade desejável na reinvenção da edição para o meio digital (Fraistat e Jones, 2009; Siemens *et al.*, 2010; Muñoz *et al.*, 2013).

O *Arquivo LdoD: Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego*¹ insere-se neste contexto de investigação e procura dar uma resposta teórica e

técnica às possibilidades de edição textual, capaz de incorporar plenamente o conjunto de funcionalidades específicas do meio digital (Portela, 2013; Silva e Portela, 2013 e 2014). Esta reconceitualização editorial do *Livro do Desassossego* afasta-se do paradigma da edição crítica impressa — geralmente centrada na produção de uma nova versão do texto capaz de transcender as anteriores —, situando-se antes num plano metaeditorial cujo objetivo é representar e simular a dinâmica através da qual uma obra vai tomando múltiplas formas, seja na sua génese autoral, seja na sua socialização editorial. A socialização textual, por seu turno, é entendida quer como recriação de formas editoriais passadas, quer como instrumento de criação de formas editoriais futuras. Este entendimento constitui o aspeto mais original e inovador do corrente projeto, que não tem equivalente em qualquer arquivo digital literário existente.

No que se refere à história da edição da obra, observamos quatro modelos distintos de construção do *LdoD*. Poderíamos resumir essa história deste modo: um modelo que procura associar os fragmentos combinando afinidade temática e proximidade cronológica (Pessoa, 1982; ed. Jacinto do Prado Coelho); um modelo que considera dois períodos e heterónimos diferenciados (Vicente Guedes e Bernardo Soares) e que, dentro de cada um deles, tenta reforçar a unidade discursiva dos fragmentos, por exemplo através da eliminação da numeração ou da reordenação interna do texto de alguns manuscritos fragmentários (Pessoa, 2013; ed. Teresa Sobral Cunha); um terceiro modelo, que coloca a produção de Bernardo Soares como eixo da obra e intercala os restantes fragmentos de modo que haja preponderância da voz Soares, relegando para uma parte final os grandes trechos (Pessoa, 2012; ed. Richard Zenith); finalmente, um modelo que reconstitui crítica e geneticamente a cronologia dos fragmentos, aproximando o livro do arquivo da obra (Pessoa, 2010; ed. Jerónimo Pizarro).

Através da análise dos prefácios e da diacronia relativa de publicação, é claramente observável o modo como as edições lutam entre si para legitimarem os seus modos particulares de construção do *LdoD* a partir do arquivo de Pessoa. Esta luta pela validação da forma do texto reflete igualmente a dinâmica comercial de concorrência no mercado do livro. Ou seja, as variações na forma textual interna do *LdoD* não dependem só dos critérios explícitos invocados pelos organizadores de cada uma das edições, mas também de um conjunto de fatores socioliterários implícitos. A publicação quase imediata de reedições de cada uma das três edições principais sempre que uma nova reencarnação do livro surge no mercado evidencia esta dinâmica de competição pelo capital cultural e financeiro da obra. No que se refere aos critérios explícitos, sublinhe-se a interpretação particular de cada editor sobre o que é o *LdoD* enquanto fator de inscrição da intencionalidade editorial na seleção e organização usada para aceder à intencionalidade autoral. Isto significa que a

passagem da microescala da transcrição dos documentos para a macroescala da sua ordenação é produzida também com uma determinada conjugação das ideias de ‘livro’, ‘Livro do Desassossego’ e ‘Pessoa’.

As interpretações dos editores sobre o que é o *LdoD* e qual o seu lugar na economia da obra pessoana funcionam como princípios organizadores das respetivas versões. Jerónimo Pizarro salienta a dimensão proteica do *LdoD*, referindo quer a dupla origem dos textos autógrafos (correspondentes a dois momentos de composição estilística e intencionalmente diferenciados através do heterónimo Vicente Guedes e do semi-heterónimo Bernardo Soares), quer a polifonia de vozes heteronímicas que parecem acolher-se no *LdoD*, quer ainda a incomensurabilidade entre as diferentes edições publicadas a partir de 1982, incluindo os sistemas de autovariação e diferenciação interna nas diversas edições de Teresa Sobral Cunha, Richard Zenith e do próprio Jerónimo Pizarro (Pizarro, 2013: 10-15). Richard Zenith, por seu turno, considera o fragmento enquanto forma literária (e não mera contingência da incompletude do processo de escrita) adequada à lógica interna do *LdoD* e explora a hipótese de a obra poder ser lida como um romance da vida interior de Bernardo Soares (Zenith, 2013: 1-2). Aos diferentes modos de conceber o *LdoD* correspondem diferentes modos de construção editorial.

Um dos propósitos do *Arquivo LdoD* é não só observar as dinâmicas de construção historicamente registadas em edições específicas, mas criar um espaço de virtualização e socialização que permita experimentar a processualidade entre documento, texto e livro a partir do arquivo autoral e do arquivo editorial da obra. Esta experimentação dará origem a um arquivo aberto de edições virtuais. Na base deste modelo está a exploração das possibilidades de processamento automático das diversas camadas de codificação textual, bem como das possibilidades de reedição, recodificação e reprogramação contínuas inerentes aos processos computacionais. Neste artigo, vamos mostrar de que forma o *Arquivo LdoD* permite apreender, em simultâneo, a dimensão projetual do *LdoD* enquanto conceito e a sua instanciação material e histórica enquanto artefacto. Ao contextualizar o livro no arquivo do livro e a edição no arquivo da edição, o *Arquivo LdoD* simula experimentalmente as dinâmicas de escrita, leitura e edição.

2. DOCUMENTO-TEXTO-LIVRO-OBRA

Editores como Hans Walter Gabler (2010) e Elena Pierazzo (2011) veem na edição digital a possibilidade de uma devolução da obra e do texto ao documento, sugerindo uma identificação entre texto e documento que suspenderia a intervenção interpretativa do editor. Trata-se de uma perspectiva favorecida pela possibilidade de representação fac-similada em imagens de alta resolução dos testemunhos originais, que podem desta forma ser objetificados sem a

mediação de uma transcrição. O aumento do número de edições digitais de tipo documental decorre deste contexto técnico de produção. Todavia, como sugere Peter Robinson (2013), a separação entre texto e documento é inerente ao próprio ato de leitura, já que quaisquer marcas inscritas numa superfície só se tornam formas legíveis a partir de um ato interpretativo. Ora é a performance da leitura que transforma as marcas no documento (isto é, as inscrições numa superfície de inscrição) num texto (isto é, num conjunto de significantes que implicam questões de intencionalidade, agência, autoridade e sentido), e é também o ato de leitura que projeta o texto lido no horizonte instável e mutável da obra. Robinson propõe o seguinte princípio para descrever a relação dinâmica entre texto e documento, por um lado, e entre texto e obra, por outro: «text is the site of meaning which links the document and the work» (2013: 123). Ou seja, a passagem da inscrição da condição documental à condição textual é feita também através da projeção do texto no horizonte da obra.

Se as edições impressas têm estado tradicionalmente centradas na relação do texto com a obra, e as edições digitais se têm focado sobretudo na relação do texto com o documento, Robinson sugere que a edição crítica digital deveria servir para iluminar esta natureza dual da textualidade, isto é, o texto como documento e o texto como obra:

We may only know the text through the documents we read, and may only communicate any text we make through documents we create. But every time we look from one document to another, or look away from the document to consider what we have read, or try to express what we think we are reading, we look to the work, shadowy but omnipresent. One cannot know the work without the documents — equally, one cannot understand the documents without a comprehension of the work they instance. From this, a principle appears: a scholarly edition must, so far as it can, illuminate both aspects of the text, both text-as-work and text-as-document. (Robinson, 2013: 123)

O *Arquivo LdoD* pressupõe um entendimento similar quer da natureza da textualidade, quer da natureza dos atos de semiose que implicam sujeito e objeto num processo contínuo de produção de sentido. Ao colocar o fac-símile digital no contexto da transcrição topográfica, o *Arquivo LdoD* dá a ver a passagem do documento ao texto e do texto ao documento. Ao colocar fac-símile e transcrição topográfica no contexto das edições dos peritos, o *Arquivo LdoD* dá a ver a passagem do texto à obra e da obra ao texto. Na medida em que cada texto de cada edição é contextualizável num arquivo de testemunhos autorais e editoriais, são os próprios processos de construção do texto a partir do documento e da obra a partir do texto que as dimensões genética e social do arquivo colocam em evidência. A construção do livro, seja a partir da auto-

edição autoral, seja a partir da heteroedição póstuma, é uma instanciação do processo de identidade e diferença (conceitual e material) que permite fazer emergir texto e obra a partir de um conjunto de marcas inscricionais e dos atos de leitura e interpretação dessas marcas.

Sob um ponto de vista teórico, usamos o conceito ‘documento’ para descrever o objeto contendo as inscrições originais. No *Arquivo LdoD*, o documento é representado pela imagem digital de manuscritos, datiloscritos e impressos autógrafos. Usamos o conceito ‘texto’ para referir o documento depois de lido. Na medida em que a transcrição é um ato de leitura, o resultado de qualquer transcrição seria um ‘texto’. No *Arquivo LdoD* o texto é representado pela transcrição topográfica da equipa do projeto e pelas transcrições das edições escolhidas. Por fim, usamos o conceito ‘edição’ para referir as diferentes formas do livro. As *edições dos peritos* correspondem a formas do livro historicamente existentes, cada uma das quais transcreve, seleciona e ordena os textos de acordo com determinados critérios que têm como objetivo produzir um livro enquanto instanciação da obra. As *edições virtuais* serão outras formas possíveis (temporárias ou persistentes) de produzir um livro no contexto das funcionalidades colaborativas e dinâmicas oferecidas pelo arquivo.

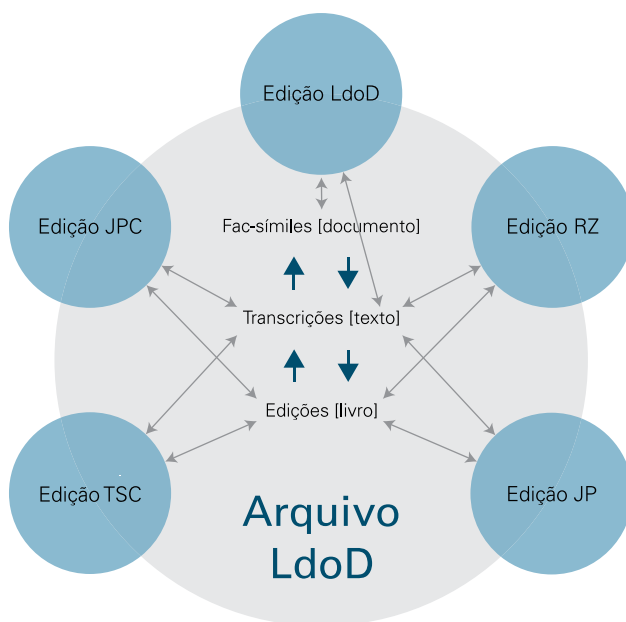


Figura 1. A relação dinâmica entre arquivo e edição no 'Arquivo LdoD'. A 'Edição LdoD' no diagrama refere a transcrição topográfica dos documentos realizada pela equipa do projeto. Esta camada documental do arquivo pode ser comparada, ao nível das transcrições, com as transcrições das edições JPC, TSC, RZ e JP, que podem também ser comparadas entre si. Além de simular a dinâmica de passagem do documento ao texto (e vice-versa) e do texto ao livro (e vice-versa), o Arquivo permite observar a relação entre as edições JPC, TSC, RZ e JP.

O conceito ‘livro’ é usado por Pessoa para designar o *LdoD*, implicando um horizonte em que os diferentes trechos e fragmentos coalesceriam numa unidade material e concetual à qual o autor reconhecera a coerência estilística e psicológica de Bernardo Soares. Como o processo ficou inacabado, tem sido responsabilidade dos diversos editores produzir essa unidade material e concetual. A produção do *LdoD* através da leitura, transcrição, seleção e organização dos textos autógrafos pelos diferentes editores tem como objetivo produzir um livro, mas é possível distinguir ainda o conceito de ‘livro’ do conceito de ‘obra’. A ‘obra’ seria o livro materialmente considerado a partir da rede de intenções autorais mais a sua ativação pelos nossos processos interpretativos enquanto leitores. Daí que o sentido e o conceito de uma obra possa variar (ao longo do tempo e de leitor para leitor), ainda que o livro, materialmente considerado, permaneça idêntico.

No caso do *LdoD*, a flutuação da obra dá-se também a nível da sua construção material enquanto livro, uma vez que esta ficou em projeto e apenas é parcialmente determinável. Quer o conjunto, quer a ordem interna do conjunto permanecem conjeturais. Esta conjeturabilidade, visível tanto no arquivo autoral como no arquivo das múltiplas edições, torna possível observar

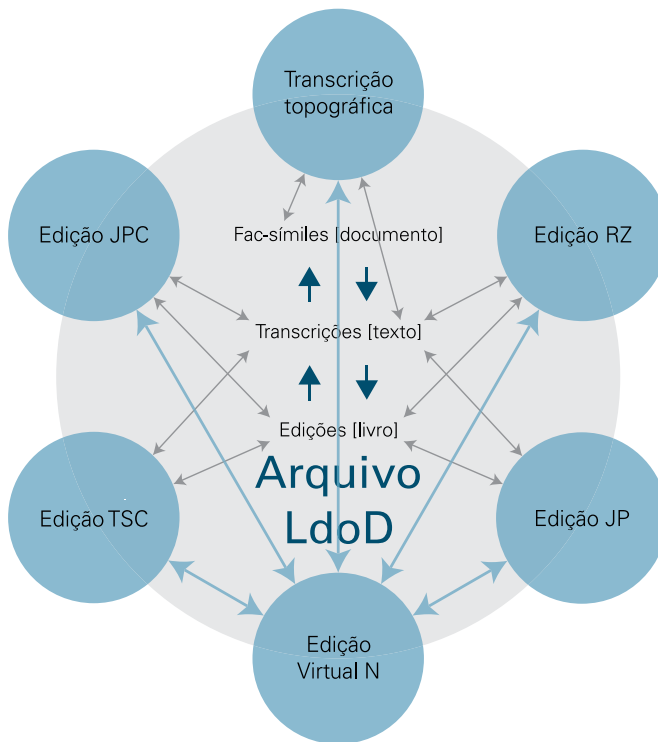


Figura 2. Através da sua camada virtual, o ‘Arquivo LdoD’ suporta ainda futuras dinâmicas de edição, definindo-se como um arquivo experimental e aberto. Cada ‘Edição Virtual N’ é construída com base numa seleção e ordenação de fragmentos de acordo com as diversas transcrições existentes no arquivo.

as dinâmicas de escrita, leitura e edição que permitem construir livros a partir de textos e obras a partir de livros. Ao explicitar as funções *autor*, *leitor*, *editor* e *livro* como perspectivas e papéis que podemos assumir nesse universo textual e metatextual, o *Arquivo LdoD* recria e modela a própria dinâmica da performance literária (Portela e Silva, 2014).

As edições virtuais permitem a construção de novas edições por utilização das transcrições existentes e o seu enriquecimento com comentários e etiquetas semânticas. Este aspeto do arquivo introduz um dinamismo na vertente ‘obra’ do arquivo, possibilitando a construção de novas edições, isto é, novas interpretações do ‘livro’, através da seleção, ordenação e anotação dos fragmentos. As edições virtuais potenciam a função-editor², em que os utilizadores do arquivo podem realizar as suas próprias perspectivas do que é o *LdoD*.

Sublinhamos ainda que a possibilidade de contextualização variável de cada edição, seja no arquivo de edições, seja no arquivo de documentos autorais, permite ao *Arquivo LdoD* simular a potencialidade dos processos de escrita e de edição que projetam os textos no horizonte do livro enquanto obra. Ao socializar aqueles dois processos, permitindo atos de edição e de escrita através de ferramentas da Web 2.0, o *Arquivo LdoD* contribui para desfazer a ilusão de uma representação textual objetiva, definitiva e independente dos processos intersubjetivos e técnicos de produção textual. Trata-se, afinal, de usar a flexibilidade específica do meio digital para desenvolver um modelo dinâmico de arquivo e edição que torne apreensível e representável a historicidade e processualidade das relações entre documentos, textos, livros e leitores. Como veremos através da descrição do protótipo em desenvolvimento, é a possibilidade de combinar navegação vertical numa determinada edição com a navegação horizontal no conjunto do arquivo que constitui a implementação técnica da noção de textualidade radial e o principal resultado da aplicação da nossa teoria da edição digital ao *Livro do Desassossego*.

3. PROTÓTIPO DO «ARQUIVO LDOD»

O protótipo que implementa o arquivo já se encontra num estado avançado de desenvolvimento. Vamos de seguida descrever como o protótipo suporta a dinâmica entre arquivo e edição. Na figura 3 é mostrada a atual entrada no arquivo fornecida pelo protótipo.

Aqui, podem-se identificar as duas vertentes conceptuais do arquivo: enquanto repositório e enquanto obra. Para o primeiro deve-se utilizar o menu ‘Documentos’ para ter acesso a todos os documentos do *LdoD*, representados no arquivo pelos seus fac-símiles. Este conjunto resulta da soma de todos os conjuntos de fragmentos atribuídos ao *LdoD*, quer pelo autor, quer pelos editores. Para a vertente obra deve-se escolher o menu ‘Edição’, no qual se acede aos fragmentos agrupados que constituem as edições.



Figura 3. Página de entrada, na qual os menus da barra superior evidenciam as vertentes documentais e editoriais do arquivo.

Começando pela vertente documental do arquivo, a figura 4 mostra como, depois de se escolher o menu ‘Documentos’ na página inicial do arquivo, surge a lista de todas as fontes autorais. Para cada uma delas indica-se a data, caso ela seja explícita na fonte autoral, o tipo de fonte autoral — manuscrito, datiloscrito ou impresso —, se possui a marca «L. do D.» nos casos em que na fonte autoral Fernando Pessoa explicitamente atribui o fragmento ao seu projeto do *LdoD*, e um conjunto de informações sobre as características do material de escrita (superfície e instrumento de escrita). Na última coluna estão as ligações de acesso aos fac-símiles que constituem a representação digital do documento.

Caso o utilizador do arquivo deseje visualizar a transcrição de uma fonte autoral, necessita apenas de selecionar a ligação, existente na coluna transcrição, associada à fonte. Pode então ler a transcrição topográfica acompanhada

Documentos	Transcrição	Data	Tipo	Marca do LdoD	Formato	Material	Colunas	Fac-símiles
A Revista, n.º 2	Ame, pelas tardes demoradas de verão	01-01-1929		Sim	Folha	Papel	1	(1) A Revista, n.º 2
BNPE3	"Fragmentos de uma auto-biographia"			Sim	Folha	Papel	1	(1) BNPE3
BNPE3, 1-12r	Tudo quanto não é a minha ama			Sim	Folha	Papel	1	(1) BNPE3, 1-12r
BNPE3, 1-13r	A vida, para a maioria dos homens	23-05-1933		Sim	Folha	Papel	1	(1) BNPE3, 1-13r
BNPE3, 1-14r	Pasmos sempre quando			Sim	Folha	Papel	1	(1) BNPE3, 1-14r

Figura 4. A entrada para a vertente documental do arquivo através da lista de todos os seus documentos e a descrição de algumas das suas características materiais.

do respetivo fac-símile, como ilustrado na figura 5, que evidencia a relação documento-texto.

Esta transcrição respeita as quebras de linha e os espaços entre parágrafos, incluindo ainda informação sobre as partes do texto adicionadas, apagadas ou substituídas por Fernando Pessoa, isto é, todos os atos de revisão autoral.

Note-se que nesta visualização está patente a função-leitor. No lado direito, pode-se observar que este fragmento é usado em 3 das 4 edições dos peritos e que existe uma única fonte autoral associada ao fragmento³. Esta



Figura 5. A relação entre o fac-símile do documento físico e a sua transcrição genética, que permite evidenciar as revisões autorais existentes no documento, por exemplo, partes apagadas ou acrescentadas por Pessoa.

visualização também implementa a função-livro, pois no menu da direita é possível navegar entre os fragmentos dentro de cada edição. O fragmento é contextualizado em cada uma das edições, nas quais se encontra representado através do número que lhe é atribuído. Saliente-se que o número do fragmento na edição define o seu posicionamento relativo na obra, como se pode observar na figura 8.

Pode-se ainda selecionar a transcrição que o editor fez de um fragmento particular e visualizar em que elementos esta difere das transcrições dos restantes editores, o que corresponde à relação entre os textos das diferentes edições.

Na figura 6 é mostrada a transcrição da edição de Jacinto do Prado Coelho e são realçadas a azul as variações entre esta transcrição e as restantes transcrições das fontes editoriais e autorais. O azul mais carregado corres-

ponde às situações em que há maior número de variações relativamente aos elementos realçados.

Na caixa abaixo da transcrição é apresentado um conjunto de meta-informação relativamente à interpretação que o fragmento tem na edição selecionada, como seja a atribuição heteronímica da responsabilidade dos editores.

O utilizador pode também selecionar duas ou mais do que duas edições,



Figura 6. A transcrição de um fragmento na vertente livro, onde são evidenciadas as variações que existem na edição selecionada relativamente às transcrições das outras edições e dos documentos.

ou fontes autorais, para as comparar entre si.

Na figura 7 está a ser comparada a transcrição de Jacinto do Prado Coelho com a transcrição topográfica da sua única fonte autoral. Surgem assinaladas a azul as diferenças existentes na transcrição (diferenças ortográficas e diferenças substantivas).

Se o utilizador do arquivo selecionar no menu da direita o nome da edição, acede ao seu índice. Note-se que também se pode aceder ao índice de uma edição logo a partir da página de entrada do arquivo, através do menu 'Edições' (cf. figura 8).

A figura 8 mostra o atual índice da edição Jacinto do Prado Coelho e também o menu com as restantes edições dos peritos, que são as que surgem por omissão. Esta visualização corresponde à função-livro do arquivo.

Para aceder à função-editor do arquivo é necessário selecionar explicitamente uma edição virtual. Desta forma, assegura-se uma separação explícita entre as edições dos peritos e as restantes edições que possam ser construídas colaborativamente dentro do arquivo.

Uma vez selecionada a edição virtual, podem-se adicionar fragmentos a essa edição. A adição de um fragmento deve usar uma das transcrições exis-

Arquivo LdoD Acerca Documentos Edições Pesquisa Virtual Admin Sair

Linha-a-linha **Alinhar Espaços**

Omar Khayyam.

Omar tinha uma personalidade, eu, feliz ou infelizmente, não tenho nenhuma. Do que sou numa hora na hora seguinte me separei; do que fui num dia no dia seguinte me separei. Quem, como Omar, é quem é, vive num só mundo, que é o externo; quem, **como eu, não é quem é**, vive não só no mundo externo, mas num sucessivo e diverso mundo interno. A sua filosofia, ainda que queira ser a mesma que a de Omar, forçosamente o não poderá ser. Assim, sem que devesse o queira, tudo em mim, como se fossem almas, as filosofias que critiquei; Omar podia rejeitar a todos, pois lhe eram **alheias**, não as posso eu rejeitar, **como ninguém** as eu.

Omar Khayyam. Omar tinha uma personalidade; eu, feliz ou infelizmente, não tenho nenhuma. Do que sou numa hora na hora seguinte me separei; do que fui num dia no dia seguinte me separei. Quem, como Omar, é quem é, vive num só mundo, que é o externo; quem, **como eu, não é quem é**, vive não só no mundo externo, mas num sucessivo e diverso mundo interno. A sua filosofia, ainda que queira ser a mesma que a de Omar, forçosamente o não poderá ser. Assim, sem que devesse o queira, tudo em mim, como se fossem almas, as filosofias que critiquei; Omar podia rejeitar a todos, pois lhe eram **alheias**, não as posso eu rejeitar, **como eu**.

Fortes Alzira

SHPE3, 1-2r

Edições dos Peritos

Jacinto do Prado Coelho

23

Teresa Sobral Cunha

344

Richard Zenith

458

Edições Virtuais

ClassW

ClassV

ClassX

Heterónimo: não atribuído

Identificação: bn-acc-e-43-1-1-89_0003_2_C04-CR0190

Formato: Folha

Material: Papel

Colunas: 1

LdoD: folha

Notas: Datiloscrito a tinta preta desgaspada. Folha de papel solto

Facsimilés: SHPE3, 1-2r

Título: Omar Khayyam.

Heterónimo: Bernardo Soares

Número: 23

Volume: I

Página: 27

Notas: [1-2. dact.]

Figura 7. Comparação da transcrição de um fragmento numa edição e a transcrição topográfica do documento feita pela equipa do projeto, evidenciando-se a integração da vertente documental com a vertente editorial do arquivo.

Arquivo LdoD Acerca Documentos Edições Pesquisa Virtual Admin Sair

Edição de Jacinto do Prado Coelho (460)

Número	Título	Volume	Página	Data	Heterónimo
10	Cop. duma carta para Pretina	I	304		Bernardo Soares
12	Inveja - mas não sei se invejo - aquelas de quem	I	12		Bernardo Soares
16	Por mais que pertença, por alma, à linhagem dos românticos.	I	17		Bernardo Soares
17	Detesto a leitura	I	19		Bernardo Soares
18	Não conheço prazer como o de ler livros	I	20		Bernardo Soares
19	Medito hoje, num intervalo de sentir, na forma de prosa de que uso	I	21		Bernardo Soares
20	Depois que as últimas chuvas deixaram	I	23		Bernardo Soares
21	Tudo se me evapora. A minha vida inteira	I	24		Bernardo Soares
22	Outra vez encontrei um trecho meu	I	26		Bernardo Soares
23	Omar Khayyam.	I	27		Bernardo Soares
24	Afinal deste dia fiz o que homem fico	I	27		Bernardo Soares

Figura 8. O índice da edição Jacinto do Prado Coelho, em que se indica o número de cada fragmento e o volume e página em que se encontra. Evidencia-se assim a vertente livro do arquivo.

tentes, isto é, as transcrições editoriais de uma das quatro edições dos peritos ou a transcrição topográfica dos editores do arquivo.

Na figura 9 pode observar-se a função-editor do arquivo, na qual o utilizador escolheu três edições virtuais, que estão visíveis no menu do lado direito. O fragmento selecionado já pertence a uma das edições virtuais e este utilizador pode adicioná-lo também às outras edições, ClassY e ClassX. Por outro lado, vemos que o utilizador está a anotar o fragmento no contexto da edição virtual ClassW. Nesta anotação selecionou «mundo interno», e está a colocar



Figura 9. A associação de uma anotação, constituída por um comentário e uma etiqueta, a uma parte da transcrição de um fragmento, feita no contexto de uma edição virtual, reflete a vertente virtual de construção de edições do arquivo.

um comentário e a adicionar a etiqueta «autoconsciência». Repare-se que esta edição usa a transcrição topográfica da fonte autoral [usa (BNP/E3, 1-2r)].

O protótipo implementado suporta as vertentes documento e livro associadas ao *LdoD* através da modelação da informação associada a cada uma das vertentes, a modelação do conceito de ‘fragmento/documento’ e sua transcrição e a modelação do conceito de ‘fragmento/livro’ (edição) e sua transcrição. Adicionalmente, o arquivo permite agregar a cada uma das vertentes um conjunto de meta-informação, como seja a atribuição heteronímica, que captura a interpretação que as fontes autorais e editoriais fazem do fragmento. O protótipo também permite integrar as duas vertentes através de um conjunto de funcionalidades de navegação — por exemplo, a navegação entre as diferentes interpretações de um fragmento — e a sua comparação — por exemplo, a comparação das diferenças entre duas, ou mais, transcrições do mesmo fragmento.

4. CONCLUSÃO

Como vimos, o protótipo centra-se na modelação da dinâmica *arquivo-edição-arquivo*. Para isso constrói um espaço de interação com os materiais digitais — imagens jpg e tif e texto codificado em XML — e de socialização dos processos editoriais entre os utilizadores que permite experimentar de forma simulatória a construção do *LdoD*. As funcionalidades de navegação vertical e horizontal, a comparação entre versões dos mesmos fragmentos, assim como a possibilidade de os editar e anotar contribuem para essa dimensão simulatória do modelo. A partir de um fac-símile autoral podemos passar às diversas transcrições do texto desse documento, contextualizando-o numa determinada versão do livro, e vice-versa. Todas as transcrições e todos os fac-símiles coexistem como unidades soltas no arquivo e, ao mesmo tempo, cada uma delas pode estar integrada numa edição (seja dos peritos, seja virtual), que enquanto tal se pode percorrer. As agregações temporárias e as comparações horizontais permitem passar de edição a edição (de livro a livro) e contextualizar cada fragmento ora no conjunto da edição, ora no universo do arquivo. Deste modo, a remediação digital que propomos permite explorar de forma integrada a dimensão projectual do *LdoD* enquanto conceito e a sua instanciação material e histórica enquanto artefacto.

NOTAS

- ¹ *Arquivo LdoD: Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego* é a designação do protótipo em desenvolvimento. O *Arquivo LdoD*, a publicar em 2015, será um dos resultados do projeto «Nenhum Problema Tem Solução: Um Arquivo Digital do *Livro do Desassossego*» (PTDC/CLE-LLI/118713/2010), financiado pela FCT e cofinanciado pelo FEDER, através do Eixo I do Programa Operacional Fatores de Competitividade (POFC) do QREN, COMPETE: FCOMP-01-0124-FEDER-019715. A comunicação que deu origem a este artigo foi originalmente apresentada no Colóquio Internacional «O Dia Triunfal de Fernando Pessoa», que decorreu entre 6 e 8 de Março de 2014, na Fundação Calouste Gulbenkian. Este colóquio foi organizado pelo Projeto Estranhar Pessoa, Laboratório de Estudos Literários Avançados (ELAB), Rede de Filosofia e Literatura, Instituto de Filosofia da Linguagem (IFL) e Programa em Teoria da Literatura. Expressamos os nossos agradecimentos aos organizadores do colóquio, e em particular a António M. Feijó e Abel Barros Baptista.
- ² De referir que a atual versão do arquivo potencia, para além da função-editor, a função-leitor, em que se leem os fragmentos de forma contextualizada ao documento e ao livro, e a função-livro, em que se perspectiva o *LdoD* como um conjunto de fragmentos agrupados de acordo com uma dada intenção. Está também prevista a função-autor, que, numa versão posterior do arquivo, permitirá aos utilizadores escreverem variações com base em fragmentos do *LdoD*.
- ³ Alguns fragmentos podem ter várias fontes documentais, como acontece nos fragmentos com versão manuscrita e datiloscrita, ou com versão datiloscrita e impressa.

REFERÊNCIAS

- BRIGGS, Julia, & Peter L. Shillingsburg (eds.), *Woolf Online*, Center for Textual Studies and Digital Humanities, Loyola University Chicago, 2013-presente. <<http://www.woolfonline.com/>>
- BURNARD, Lou, Katherine O'Brien O'Keefe & John Unsworth (eds.), *Electronic Textual Editing*, Nova Iorque, Modern Language Association of America, 2007.
- EAVES, Morris, Robert Essick & Joseph Viscomi (eds.), *The William Blake Archive*, Institute for Advanced Technology in the Humanities, University of Virginia (1996-2006) / University of North Carolina at Chapel Hill and University of Rochester (2007-presente). <<http://www.blakearchive.org/>>
- FOLSOM, Ed, & Kenneth M. Price (eds.), *The Walt Whitman Archive*, Institute for Advanced Technology in the Humanities (1995-2007) / Center for Digital Research in the Humanities at the University of Nebraska-Lincoln (2007-presente). <<http://www.whitmanarchive.org/>>
- FRAISTAT, Neil, & Steven Jones, «Editing Environments: The Architecture of Electronic Texts», *Literary and Linguistic Computing*, 24.1, 2009, p. 9-18.
- GABLER, Hans Walter, «Theorizing the Digital Scholarly Edition», *Literature Compass*, 7, 2010, p. 43-56.
- MCGANN, Jerome, «The Rationale of Hypertext» [1996], *Radiant Textuality: Literature after the World Wide Web*, Nova Iorque, Palgrave Macmillan, 2001, p. 53-74.
- MCGANN, Jerome (ed.), *Rossetti Archive*, Institute for Advanced Technology in the Humanities, University of Virginia, 1993-2008. <<http://www.rossettiarchive.org/>>
- MUÑOZ, Trevor, Raffaele Vigiante & Neil Fraistat, «Texts and Documents: New Challenges for TEI Interchange and the Possibilities for Participatory Archives», in Fabio Ciotti & Arianna Ciula (ed.), *The Linked TEI: Text Encoding in the Web — Book of Abstracts*, Roma, DIGILAB, Università La Sapienza e Text Encoding Initiative Consortium, 2013, p. 91-96.
- PESSOA, Fernando, *Livro do Desassossego*, ed. Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Ática, 1982 [2 vols.].
- , *Livro do Desasocego*, ed. Jerónimo Pizarro, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda [2 vols.], 2010.
- , *Livro do Desassossego*, ed. Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim [1.ª ed. 1998], 2012.
- , *Livro do Desassossego*, ed. Teresa Sobral Cunha, Lisboa, Relógio d'Água [1.ª ed. 1990-1991, 2 vols.], 2013.
- PIERAZZO, Elena, «A Rationale of Digital Documentary Editions», *Literary and Linguistic Computing*, 26.4, 2011, p. 463-77.
- PIZARRO, Jerónimo, «Os Muitos Desassossegos», *Comunicações do III Congresso Internacional Fernando Pessoa*, Lisboa, Casa Fernando Pessoa, 2013, p. 1-15. <http://www.congresso-internacionalfernandopessoa.com/comunicacoes/jeronimo_pizarro.pdf>
- PORTELA, Manuel, «Nenhum Problema Tem Solução: Um Arquivo Digital do *Livro do Desassossego*», *MatLit*, 1.1, 2013, p. 9-33. <<http://iduc.uc.pt/index.php/matlit/article/view/1618>>
- PORTELA, Manuel, & António Rito Silva, «A Model for a Virtual LdoD», *Literary and Linguistic Computing*, vol. 29, 2014.
- ROBINSON, Peter, «Towards a Theory of Digital Editions», *Variants*, vol. 10, 2013, p. 105-31.
- SHILLINGSBURG, Peter L., *From Gutenberg to Google: Electronic Representations of Literary Texts*, Cambridge, Cambridge University Press, 2006.
- , «How Literary Works Exist: Convenient Scholarly Editions», *Digital Humanities*

- Quarterly*, vol. 3, n.º 3, 2009. <<http://digitalhumanities.org/dhq/vol/3/3/000054/000054.html>>
- SIEMENS, Ray, Mike Elkink, Alastair McColl, Karin Armstrong, James Dixon, Angelsea Saby, Brett D. Hirsch & Cara Leitch, with Martin Holmes, Eric Haswell, Chris Gaudet, Paul Girn, Michael Joyce, Rachel Gold & Gerry Watson, and members of the PKP, Iter, TAPoR, and INKE teams, «Underpinnings of the *Social Edition*? A Narrative, 2004-9, for the Renaissance English Knowledgebase (REK_n) and Professional Reading Environment (PReE) Projects», in Jerome McGann, Andrew M. Stauffer, Dana Wheelles & Michael Pickard (ed.), *Online Humanities Scholarship: The Shape of Things to Come*, Houston, Rice University Press, 2010, p. 401-60.
- SILVA, António Rito, & Manuel Portela, «Social Edition 4 *The Book of Disquiet*: The Disquiet of Experts with Common Users», in Matthias Korn, Tommaso Colombino & Myriam Lewkowicz (ed.), *ECSCW 2013: Adjunct Proceedings The 13th European Conference on Computer-Supported Cooperative Work*, Department of Computer Science, Aarhus University, 2013, p. 45-50.
- , «TEI4LdoD: Textual Encoding and Social Editing in Web 2.0 Environments», *Journal of the Text Encoding Initiative*, vol. 8, 2014.
- VAN HULLE, Dirk, & Mark Nixon (eds.), *Samuel Beckett Digital Manuscript Project*, Centre for Manuscript Genetics (University of Antwerp), The Beckett International Foundation (University of Reading), Harry Ransom Humanities Research Center (Austin, Texas) and the Estate of Samuel Beckett, 2011-presente. <<http://www.beckettarchive.org/>>
- ZENITH, Richard, «*Livro do Desassossego*: o romance possível (*var.*: impossível)», in *Comunicações do III Congresso Internacional Fernando Pessoa*, Lisboa, Casa Fernando Pessoa, 2013, p. 1-12. Em linha: <http://www.congressointernacionalfernandopessoa.com/comunicacoes/richard_zenith.pdf>